

O TRABALHO EDUCATIVO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA CONSTRUÇÃO DE ATIVIDADES EMANCIPADORAS NA ESCOLA: A ATIVIDADE PRÁTICA DA CULTURA CORPORAL COMO EXPRESSÃO DA LIBERDADE HUMANA.

IRINEU ALIPRANDO TUIM VIOTTO FILHO,
MÁRCIO LUIZ BRAGHIM, (GEIPEEthc)¹

Universidade Estadual Paulista – UNESP –
Faculdade de Ciências e Tecnologia – Presidente Prudente/SP Brasil
tuimviotto@gmail.com; braghim_ml@hotmail.com; geipeethc@grupos.com.br

Este artigo foi construído coletivamente e é decorrente de um trabalho de pesquisa-intervenção desenvolvido pelo GEIPEEthc (Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Teoria Histórico-Cultural) numa escola pública estadual da cidade de Presidente Prudente/SP e faz parte do Programa “Núcleo de Ensino da Pró-Reitoria de Graduação da UNESP.

Considerando a importância da Educação Física como prática pedagógica essencial na construção humana e no desenvolvimento de atividades de caráter emancipador na escola, engendrada pelo trabalho educativo dos professores, o Projeto intitulado “A atividade coletiva, lúdica e consciente nas aulas de Educação Física como mediadora na transformação da subjetividade humana: possibilidades práticas de superação da exclusão e da violência na escola”, mesmo que de forma incipiente, tem procurado garantir para os estudantes e professores, condições objetivas de discussão, reflexão e efetivação de atividades práticas de caráter emancipatório, superando aquelas propostas, normalmente presentes nas escolas, de caráter burocrático e ideológico, impostas de “cima para baixo” pelas Secretarias de Educação cuja finalidade é manter e controlar as relações sociais na escola.

O Projeto de pesquisa/intervenção ora discutido visa, para além da emancipação política na escola, fato que se configura pela valorização do discurso, do diálogo e da democracia nas relações escolares, a busca de condições e ações práticas de transformação efetiva das relações e dos espaços de participação e ação na escola, de forma a possibilitar mudanças práticas no cotidiano e na vida escolar dos sujeitos que participam da escola, tendo como possibilidade, o processo de emancipação humana.

Ao se planejar e realizar um trabalho voltado para a emancipação humana na escola, pensa-se em construir espaços concretos para a realização de ações conscientes, considerando que a escola pode constituir-se como um local de práticas educativas emancipatórias, como um local diferenciado de formação humana pela via da ação coletiva, mesmo identificando que esta instituição encontra-se submetida a um Sistema educacional que está a serviço da manutenção da sociedade de classes.

É importante salientar que a possibilidade de construção de uma escola de caráter emancipador só se tornará realidade concreta, quando a própria escola se organizar como uma comunidade humana, em que os sujeitos nela inseridos, e dela participantes, pela via do trabalho associado e coletivo, tenham liberdade e oportunidades de desenvolvimento numa direção humano-genérica (DUARTE, 1993), tendo que, somente na perspectiva de superação das relações alienadas e alienantes, presentes na escola, e no firme propósito de construção de relações ativas e conscientes, que se constituam como práxis, será possível a construção da emancipação dos homens.

É nessa direção, portanto, que tem sido construído o citado Projeto de pesquisa/intervenção ora discutido, e nele se concretiza, a partir do trabalho prático desenvolvido na escola, aquilo que Viotto Filho (2008) denomina de escola-comunidade, um

¹ O GEIPEEthc Grupo de Estudos, Intervenção e Pesquisa em Educação Escolar e Teoria Histórico-Cultural da UNESP- Presidente Prudente é formado pelos seguintes membros: Irineu A Tuim Viotto Filho (Coordenador), Anderson de Oliveira Pelegrinni, Felipe Nunes, Graziela Silva, Márcio Braguin, Rodrigo Nunes, Tatiene Félix, Thiago Henrique Carvalho os quais compõem o coletivo de autores deste artigo.

espaço de construção da omnilateralidade humana, que conduzirá os indivíduos ao desenvolvimento pleno de suas faculdades motoras, psicológicas, afetivas, cognitivas e sociais, com objetivo de se atingir as esferas mais altas de desenvolvimento postas neste momento histórico.

É evidente que um Projeto de pesquisa/intervenção realizado numa escola pública do interior Paulista não tem a pretensão de retomar o papel da educação como redentora da humanidade e única responsável pela emancipação dos homens, no entanto, é importante afirmar que essa possibilidade existe e é concreta na escola, e que uma escola-comunidade pode tornar-se concreção, desde que assumida enquanto um projeto coletivo em torno do principal objetivo do trabalho educativo que é produzir de forma direta e intencional a humanidade nos homens (SAVIANI, 2000).

Acredita-se que a escola, organizada numa perspectiva de comunidade, poderá contribuir significativamente para a efetivação de um processo de emancipação humana, pela via de ações educativas e emancipatórias no seu interior e defende-se que o professor de Educação Física, juntamente com os demais educadores, pode contribuir de forma significativa para esse processo pois, pela característica de sua atividade, que se configura de forma prático-teórica, poderá integrar os sujeitos, valorizando os elementos da cultura corporal esse processo, principalmente as possibilidades colocadas pelo jogo e pelas atividades lúdicas na escola.

Portanto, é importante enfatizar que o trabalho que o GEIPEEthc tem realizado na escola, mostra possibilidades, mostra o dever-ser possível, diante das adversidades e contradições postas pela sociedade capitalista, sobretudo no que se refere à superação das injustas condições de desigualdade e exclusão social presentes na vida da maioria dos sujeitos das classes populares, as quais também são encontradas no interior das escolas públicas do país.

Diante da afirmação que o trabalho desenvolvido pelo GEIPEEthc na escola pública apresenta-se como um dever-ser possível, é importante lembrar as palavras de Oliveira (1996) quando salienta que o dever-ser não pode ser um mero desejo, um mero sonho (idealista) mas sim um dever-ser necessário e possível, que se tornará realidade a partir da ação prática dos homens. A vontade concreta, afirma a autora, “é concreta porque busca conhecer a dinamicidade da realidade para superá-la, para transformá-la, tendo em vista novos horizontes”.

Considerando, portanto, a realidade concreta da escola onde o Projeto de pesquisa/intervenção tem sido desenvolvido, propõe-se e vivencia-se junto ao grupo de professores, direção e estudantes, atividades que enfatizem o trabalho coletivo, tendo em vista a construção de uma escola numa perspectiva de comunidade, uma escola que se constitua como uma comunidade humana e que oferece possibilidades de emancipação ao humano que dela faz parte e nela se constitui.

Essa escola, se organizada e construída na perspectiva de uma comunidade, mesmo sob as condições postas pela sociedade capitalista, poderá contribuir para a superação de valores individualistas e para a construção de sujeitos que tenham consciência do ‘nós’, como afirma Heller (1977). Uma consciência com condições de avaliar criticamente a realidade, reprimir características e aspectos particulares, individualistas e alienados que distanciam o sujeito da genericidade.

Defende-se, portanto, a escola a partir de suas possibilidades ontológicas, pois ao transmitir o saber e trabalhar com a construção das consciências, a escola poderá construir as possibilidades de desenvolvimento de consciências comunitárias e por isso críticas, solidárias, indignadas e voltadas para a transformação da sociedade de classes alienada, individualista, conformada.

Afirma-se a possibilidade concreta de se implementar ações no sentido de construção de uma escola humanizadora.

É na direção da continuidade do processo de desenvolvimento histórico da humanidade que se propõe uma reflexão, neste texto, em torno da construção de uma escola que não fique limitada a sua tarefa de 'grupo social acidental', uma escola na qual o sujeito singular é inserido apenas passiva e mecanicamente, uma escola que se limite a organizar os estudantes e a comunidade em geral para se juntarem circunstancialmente e trabalhar em grupo, fato que normalmente acontece nas aulas de Educação Física, como se percebe na escola.

Na verdade se faz necessário pensar e construir uma escola que se estruture a partir das proposições de uma comunidade em que os sujeitos participem e se reconheçam nela de forma consciente e um jogo compartilhado, cooperativo pode retratar essa possibilidade e, nesse sentido as aulas de Educação Física são essenciais para a consolidação desse processo e o professor sujeito fundamental na concretização dessa tarefa.

Imbuído dessa tarefa e tomado pelo compromisso com a história e com sua transformação, os educadores, se conscientes de seu papel na transformação qualitativa dos homens e da sociedade, poderão trabalhar coletiva, democrática e conscientemente, na construção de uma escola-comunidade e, nesse processo, superar as formas de ser e agir ideológicas, reprodutivistas e individualistas, próprias da sociedade alienada e, efetivamente, contribuir para a construção de ações que se estruturem a partir de finalidades transformadoras e se constituam como práxis educativa, como atividades educativas emancipadoras como afirma Tonet (2007).

Acredita-se e defende-se na realização desse trabalho que é no processo de produção, na ação e na produção da vida que os homens aprendem a produzir-se a si mesmos e se tornarem homens e esse processo é a origem da educação na vida dos seres humanos como afirma Saviani (2001). Portanto, o trabalho de construção da existência humana, pode e deve ser construído não de forma exclusiva, mas de forma significativa, também no interior da escola.

Considerando a escola nas suas contradições e múltiplas determinações, é possível afirmar que essa instituição, respeitados os seus limites e valorizando as suas possibilidades, pode contribuir para o processo de desenvolvimento dos seres humanos numa direção omnilateral, uma vez que os homens aprendem a ser homens na ação coletiva, no processo grupal pois, "não tendo sua existência garantida pela natureza (...) os homens precisam aprender a produzi-la" (SAVIANI, 2001).

Afirma-se, portanto, que decorrente da necessidade de produzir sua própria existência, o homem aprende a produzir de forma consciente e isso se dá no próprio ato de produção e na ação coletiva sobre a natureza, atuando sobre ela e não meramente contemplando-a de forma idealista. Transpondo essa reflexão para a educação escolar, afirma-se que a escola tem condições de contribuir para com o processo de produção da existência humana numa direção realista e consciente, numa direção humano-genérica como afirma Oliveira (1996).

Enfim, a escola deve ser o lugar da práxis, como afirma Vázquez (1968), da atividade humana consciente e livre, considerando que é no trabalho vital, na atividade coletiva consciente e crítica que a educação escolar tem condições de instituir a humanidade no homem.

Ao discutir a importância da efetivação de uma prática consciente e crítica decorrente da apropriação dos conhecimentos, Vázquez (1968) enfatiza que a atividade teórica por si só não é práxis e que, "enquanto a teoria permanece em seu estado puramente teórico não se passa dela à práxis" e, decorrente dessa afirmação do autor enfatiza-se mais uma vez o papel de uma disciplina como a Educação física que tem um caráter prático-teórico, um caráter de ação, que deve ser direcionada para uma ação consciente e voltada para a mudança da realidade.

Considerando o papel ontológico e emancipador da educação escolar e a característica transformadora de uma escola, assim como na característica prático-teórica da disciplina Educação Física, enfatiza-se que a escola, pensada e construída numa perspectiva de comunidade, poderá tornar-se realidade concreta à medida que os educadores se organizarem, com a colaboração dos demais sujeitos da escola, na busca de superação da

fragmentação do trabalho educativo e na supressão da dicotomia entre teoria e prática, valorizando a ação conjunta e consciente, como instrumento fundamental de transformação da realidade humana e escolar e, num plano mais amplo, da própria sociedade.

Essa perspectiva crítica e histórico-social de educação e de desenvolvimento humano, configurada por uma escola numa perspectiva de comunidade, pode contribuir para a superação de modelos pedagógicos adaptativos que submetem os professores e estudantes ao jugo de um Sistema de ensino opressor e, nesse sentido, avançar na valorização dos sujeitos da escola e na defesa de uma educação que seja instrumento de luta contra a opressão, a discriminação e a exclusão social, um instrumento moral e intelectual de construção de uma juventude consciente, instrumento coletivo de construção de uma nova sociedade, uma sociedade sem classes, mais justa e igualitária, uma sociedade em que a emancipação humana seja real, concreta e não mero desejo idealista e afirma-se que a Educação Física pode contribuir sobremaneira para a efetivação dessa possibilidade.

Considerando a importância dessa possibilidade que é concreta – não é mera abstração, salienta-se -, é que se discute neste texto, a partir das experiências de um Projeto de intervenção e pesquisa no interior da escola, o quanto essa instituição pode avançar na construção de condições objetivas para a edificação de possibilidades para a emancipação humana, pela via da ação prática, da ação coletiva e os elementos da cultura corporal, sobretudo os jogos, brincadeiras e atividades lúdicas, pelo seu caráter de liberdade, oferecem elementos essenciais para a construção do sujeito livre e universal, do sujeito emancipado.

Ao se defender neste trabalho, a escola numa perspectiva de comunidade, contando com a atuação dos professores e sobretudo do professor de Educação Física, defende-se a escola contribuindo com aquilo que lhe é específico, ou seja, a socialização dos conhecimentos e a realização de atividades prático-teóricas, sobretudo as atividades próprias da cultura corporal de movimento, pois nesse conjunto de atividades encontram-se as características humanas essenciais para se construir um sujeito consciente, livre e com responsabilidade social.

Na consolidação dessa possibilidade, não há dúvidas que todos os sujeitos escolares e outros membros da sociedade civil são importantes, mas o professor torna-se o sujeito essencial, não exclusivo, mas essencial nesse processo, pois é ele que irá implementar ações de caráter emancipador, sobretudo pela via da socialização do saber, da construção de relações sociais éticas e universais, pela valorização da expressão e da liberdade humana e, nesse processo, possibilitará transformações significativas na subjetividade dos seus estudantes, na consciência, na maneira de ser, pensar, sentir e agir dos sujeitos na escola.

Trabalhar na construção do processo de emancipação humana no interior da escola implica viabilizar possibilidades reais (práticas) de atividades educativas emancipatórias e voltadas para superação das contradições geradas na sociedade e na própria escola. Defende-se que isto será possível à medida que se construir atividades educativas que valorizem o saber científico, de apropriação da filosofia, das artes, da cultura corporal, da prática ético-política, enfim, que se realizem ações voltadas a apropriação das objetivações humano-genéricas (DUARTE, 1993).

Tais condições e possibilidades são plenamente viáveis numa escola que compreende sua função social no processo de transformação do homem e da sociedade, lembrando que essa escola é constituída por sujeitos humanos, cuja figura principal é a do professor, um sujeito que precisa estar preparado para engendrar esse processo de transformação na direção da construção, pela via das atividades educativas emancipatórias, de sujeitos humanos conscientes e críticos, sem prescindir de outros elementos da subjetividade que também precisam ser construídos na relação educativa como a afetividade, a solidariedade, o senso de justiça, o respeito, dentre outras características humano-genéricas essenciais para se viver em sociedade.

Palavras chaves: Educação Física Escolar; Teoria Histórico-Cultural; Trabalho Crítico do Professor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DUARTE, N. A **Individualidade para-si**. Campinas: Autores Associados, 1993.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 6ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Sociologia de la vida cotidiana**. Barcelona: Ediciones Península, 1977.

OLIVEIRA, B. **O Trabalho Educativo**. Campinas: Autores Associados, 1996.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica**: primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, D. Ética, Educação e Cidadania, In: **Revista Brasileira de Filosofia de 1º. Grau**, ano 8, nr.15, Ed. Centro de Filosofia-Educação para o pensar, Florianópolis, 2001.

VÁZQUEZ, A.S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VIOOTTO FILHO, I A T Escola-comunidade: a escola Numa perspectiva crítica. São José do Rio Preto: **Anais do IV EBEM – Encontro Brasileiro de Educadores Marxistas**, 2008.

Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho; Telefone profissional: 18 9726 7709 – FCT –UNESP;
Endereço Profissional: Rua Roberto Simonsen nº 305 CEP 19060 – 900; email para contato:
tuimviotto@gmail.com.